

O Amor na Poesia de Oswaldo Osório

Love in the Poetry of Oswaldo Osório

El amor en la poesía de Oswaldo Osório.

Ildo José Rocha
Universidade de Valladolid, Espanha
E-mail: ildo0836@gmail.com

O Amor na Poesia de Oswaldo Osório

Love in the Poetry of Oswaldo Osório

El amor en la poesía de Oswaldo Osório.

Rocha
Universidade de Valladolid, Espanha

Resumo

Este trabalho visa proporcionar um olhar reflexivo sobre os diversos tipos de amor nas obras de Oswaldo Osório, enquadrando-o no tempo e no espaço do universo literário cabo-verdiano, utilizando os fundamentos teóricos de alguns revisionistas do século vinte tendo como pano de fundo a obra *Os Quatro Amores* de C. S. Lewis. As quatro palavras gregas, *storge*, *philia*, *eros* e *ágape* servem de eixos para o nosso estudo, com ênfase no erotismo assumido que é dos momentos mais altos da poesia osoriana, à semelhança do sábio Salomão, o poeta associa o amor erótico ao espiritual.

Palavras-chave: amor romântico, literatura cabo-verdiana, periodização, poesia

Abstract

This work aims to provide a reflective look on the various kinds of love in the works of Oswaldo Osório, framing it in time and space of Cape Verdean literary universe, reserving a chapter for the myth of romantic love and the modern revisionists of the twenty century and the book *The Four Loves*, by C. S. Lewis. The four greek words, *storge*, *philia*, *eros* and *agape*, are the axes for our study, with emphasis on eroticism assumed as the highest moments of osorian poetry, like the wise Solomon, the poet that associates the erotic love to spiritual.

Keywords: romantic love, Cape Verdean literature, periodization, poetry

Resumen

Este trabajo pretende ofrecer una mirada reflexiva sobre los diferentes tipos de amor en las obras de Oswaldo Osório, enmarcando en tiempo y espacio del universo literario de Cabo Verde, utilizando los fundamentos teóricos de algunos revisionistas del siglo veinte e la obra *Los Cuatro Amores* de C. S. Lewis. Las cuatro palabras griegas *storge*, *philia*, *eros* y *agape* son ejes para el estudio, con énfasis en el erotismo que se supone que de los más altos momentos de poesía osoriana; como el sabio Salomón, el poeta que asocia el amor erótico con el espiritual.

Palabras clave: amor romántico, poesía, literatura cabo-verdiana, periodización

Oswaldo Osório, pela sua dimensão poética e percurso, destaca-se como um dos grandes ícones da poesia cabo-verdiana, embora não tendo o foco que merece na literatura cabo-verdiana. A fortuna crítica sobre o seu trabalho é muito escasso e isso acaba por limitar o trabalho. Este estudo busca proporcionar um olhar reflexivo sobre os diversos tipos de amor nas obras de Oswaldo Osório, utilizando os fundamentos teóricos de alguns revisionistas do século vinte, tendo como pano de fundo a obra «Os quatro Amores de C. S. Lewis».

O corpus deste trabalho está dividido em três tópicos de modo a entender a sua poética. No primeiro capítulo apresentamos um breve percurso da literatura cabo-verdiana e a sua periodização, demonstrando a importância que esta teve na formação e afirmação da identidade crioula. O segundo, define sumariamente a vida e obra do autor, dando ênfase à importância da sua escrita, como a crítica revê o autor e algumas características distintas da sua obra. O terceiro e último capítulo aborda o amor na poesia osoriana, tendo como ponto de referência os quatro amores. Lewis fala do amor desde a sua natureza mais básicas até às mais complicadas, dividindo-o em quatro categorias, tendo por base as quatro palavras gregas: *storge*, *philia*, *eros* e *ágape* que servem de eixos para o nosso estudo. Pelo espaço que ocupa em toda a obra do poeta, merece particular destaque o amor erótico neste estudo.

Breve percurso da literatura cabo-verdiana

A afirmação da identidade cabo-verdiana teve como base a literatura. A identidade crioula construiu-se e veiculou-se pela literatura. Os textos literários foram os veículos privilegiados para a construção da identidade cultural e nacional. A poesia e a prosa ganharam corpo em torno dos grandes temas como a insularidade, a seca, a fome e a consequente emigração.

O aparecimento de jornais e revistas desde *Alvorada*, editado nos Estados Unidos entre 1900 e 1917, mais tarde, a *Claridade* (1936-1960), a *Certeza* (1944), o *Suplemento Cultural* (1958), o suplemento *Seló* (1977), a revista *Raízes* (1977), a *Ponto & Vírgula* (1983) até aos nossos dias tiveram um papel preponderante.

É unanimemente aceite que a literatura cabo-verdiana terá iniciado com a publicação do romance de José Evaristo Almeida, *O Escravo*, datado de 1856. Contudo, existe algum dissenso quanto às fases que dividem a história da literatura cabo-verdiana. A mais usual é a periodização a partir de *Claridade* cuja influência é determinante para a constituição e afirmação da literatura cabo-verdiana, induzindo a sua simplificação em três momentos:

- Pré-claridoso, inicia com a publicação do romance *Escravo* (1865);
- Claridoso, inicia com a criação da revista *Claridade* que tinha como lema «fincar os pés na terra», com o intuito de intervir socioculturalmente, e
- pós-claridoso, relaciona-se com as questões de estética, com a edição de vários semanários e revistas que passaram a tratar de temas que refletem a consolidação da identidade nacional.

Uma das vozes discordantes de tal periodização é a de Filinto Silva:

Não sendo apologista de classificar a Literatura Cabo-verdiana pelo viés cronológico, nem acreditando haver suficiente virtude que a literatura em Cabo Verde esteja estratificada em três grandes períodos – Pré-claridoso, Claridoso e Pós-claridoso – quero crer que há outras e múltiplas formas de olhar esta produção literária que, há mais de dois séculos, tem vindo a marcar o seu espaço no contexto da lusofonia e que, desde a Independência Nacional, há pouco mais de trinta e seis anos, se densifica por produções mais modernistas e mais «aggiornadas» com as letras de recorte universalista (Silva, 2012).

Maria de Fátima Fernandes, concordando com as considerações feitas pelo poeta Filinto Silva, mostra a necessidade de organizar a série literária cabo-verdiana a partir de um novo paradigma, «diferente daquele que toma a *Claridade* como manifestação literária e orientação determinante de uma perspetiva periodológica que situa o conjunto de mais de século de produção de produções - desde metade do século XIX à contemporaneidade - (Fernandes, 2013)».

Para uma melhor compreensão da história da literatura cabo-verdiana, apresentamos de forma resumida, as divisões periódicas que são mais relevantes, sublinhando a importância da *Claridade* como o momento central na literatura cabo-verdiana (Ferreira, 1975; Laranjeira, 1995; Gomes, 2008).

Pires Laranjeira (1995) divide a história da literatura cabo-verdiana em seis períodos:

O primeiro período, Iniciação, das origens até 1925, muito influenciado pelas duas fases do baixo romantismo e do parnasianismo com algum rasgo de vocação regionalista ou mesmo de «vocação patriótica», no primeiro quartel do séc. XX), antes da fase moderna; destaque para a abertura do seminário-liceu em São Nicolau (1866) e a imprensa periódica (1877);

Segundo período, o Hesperitano (1926 a 1935), antecede a modernidade que o movimento *Claridade* (1936) incarnou; caracterizado como de «regionalismo telúrico», mas que, nalguns textos, se expande para temas e elementos recorrentes da literatura cabo-verdiana, como os da fome, do vento e da terra seca, ou de certa insatisfação e incomodidade, numa atmosfera muito próxima do naturalismo.

O terceiro começa com a publicação da revista *Claridade* (1936-1957). Outras publicações que marcaram a época: o livro de poemas de Jorge Barbosa, *Ambiente* (1941); António Nunes publica *Poemas de Longe* (1945) e Manuel Lopes, *Poemas de Quem Ficou* (1949), o romance fundador de Baltasar Lopes, *Chiquinho* (1947), *Caderno de um Ilhéu* de Jorge Barbosa (1956) e o primeiro romance de Manuel Lopes, *Chuva Braba* (1956);

O quarto período, *Suplemento Cultural* (1958-1965), assume uma nova cabo-verdianidade;

Quinto período (1966-1982): o Universalismo assumido, sobretudo por João Vário, abrindo muito mais cedo do que nas outras colónias a frente literária do intimismo, do abstracionismo e do

cosmopolitismo;

Sexto período, de 1983 aos nossos dias; fase de consolidação do sistema e da instituição literária com a edição do primeiro número da revista *Ponto & Vírgula* (1983-1987), liderada por Germano de Almeida e Leão Lopes.

Uma terceira periodização relevante na literatura, embora direcionada à construção da identidade nacional, foi apresentada pelo professor Manuel Brito Semedo, associado às características sociais e políticas, e divide-se em três fases distintas:

Primeira Fase, do sentimento nativista, que vai desde 1856 a 1932;

Segunda Fase, da consciência regionalista, de 1932 a 1958;

Terceira Fase, da afirmação nacionalista, desde 1958 até 1975 (Semedo, 2006).

Em suma, este capítulo dá-nos um quadro geral das diferentes fases da literatura cabo-verdiana e ajuda-nos a compreender melhor a evolução da poesia de Oswaldo Osório ao analisar a cartografia poética deste autor.

Breve cartografia da poesia osoriana

Oswaldo Osório, do seu nome próprio Oswaldo Alcântara Medina Custódio é uma referência na literatura cabo-verdiana; nasceu em Mindelo a 25 de Novembro de 1937. Terminou o liceu e ingressou no Seminário Nazareno, tendo exercido várias funções profissionais, como trabalhador de rádio, funcionário público, empregado de comércio, presidente da União dos Sindicatos e jornalista no semanário *Voz di Povo*.

Em 1962, nascia a folha literária *Seló- Página dos Novíssimos*. Apesar de efémero – foram editados apenas dois números - o terceiro ficou no prelo - o movimento literário gerou para o país escritores de fino intelecto como Oswaldo Osório, Mário Fonseca e o Prémio Camões de literatura, Arménio Vieira, em 2009, que marcam de forma indelével a literatura cabo-verdiana.. Uma geração de gigantes das letras, que ainda marca de forma indelével a literatura cabo-verdiana. Autores que, agraciados com o dom da literatura, jamais deixaram de nos surpreender, depurando e aperfeiçoando a sua escrita com o passar dos anos e dando-nos obras de fina inteligência.

A poesia osoriana começa na periodização do *Suplemento Cultural* de 1958, tendo em conta que ele foi um dos fundadores da folha literária *Seló (1962)- Página dos Novíssimos*.

O quinto período também foi influenciado pela escrita de Oswaldo Osório, apesar de nesta fase o poeta se destacar pelo seu cantalutismo, sendo mais visível o universalismo literário na sua poesia a partir do período pós-independência, coincidente com o sexto período, tendo o poeta sido colaborador da revista *Ponto & Vírgula*. Em consequência das suas atividades políticas, estreitamente ligadas às ações culturais durante o regime de Salazar, Oswaldo Osório foi preso por duas vezes.

A sua produção literária é constituída pelos livros de poesia *Cabo-verdianamente Construção Meu Amor* (1975), *Cântico do habitante Precedido de Duas Gestas* (1977), *Clar(a)idade Assombrada* (1987), *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* (1997) e *A Sexagésima Sétima Curvatura* (2008). No domínio da prosa, escreveu *Cantigas de Trabalho – Tradições Oraís de Cabo Verde* (ensaio, 1980), *Emergência da Poesia em Amílcar Cabral* (ensaio, 1983), *Nimores e Clara & Amores de Rua* (romance, 2003) e o último romance *As Ilhas no Meio do Mundo* (2016).

A partir de 2004, teve de se adaptar à nova condição de vida. Uma doença hereditária fez com que perdesse a visão, mas a impossibilidade de escrever, não o afastou do trabalho de poeta. A sua esposa, dona Armandina, escreve as palavras do poeta à medida que ele as dita: uma parceria que tem dado bons resultados. As duas últimas obras foram publicadas já depois de perder a visão.

O seu primeiro livro surge na altura em que se regista a hegemonia da poesia cantalutista, na sua perversão panfletária, que prevalece durante os primeiros cinco anos após a independência.

Oswaldo Osório destaca-se como um poeta engajado sem nunca descurar a poesia da arte pela arte. A sua poesia atravessa as três últimas fases apresentadas por Pires Laranjeira (a partir de 1962) e, do ponto de vista nativista, a terceira fase da afirmação nacionalista (1958 até 1975); em todas elas destaca-se pelo seu engajamento e militância.

Alguns traços na poesia osoriana

O imortal poeta e ensaísta Arnaldo França (2006) destacou-o como sendo «um dos mais lídimos representantes da moderna literatura cabo-verdiana, uma das figuras centrais na renovação temática e estética da poesia cabo-verdiana. As suas obras testemunham o seu caráter multifacetado e o seu engajamento na literatura cantalutista com o livro *Cabo-verdianamente construção, meu amor* (1975).

Na badana do livro *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* encontramos alguns testemunhos de grandes críticos literários: (1) Manuel Ferreira coloca-o entre os poetas, como Cursino Fortes, Timóteo Tio Tiofe «os que possuem o folego necessário para dar à atual literatura Cabo-verdiana uma solidez indiscutível»; José C. Venâncio considera-o «o poeta mais representativo da cabo-verdianidade...»; Maria Lúcia Lepecki escreveu: «quem se interessar pela criação literária em língua portuguesa, não pode deixar de ler Oswaldo Osório. Um excelente poeta, em qualquer lugar do mundo».

Passado a fase do cantalutismo, próprio do período da independência, a «depuração e a concisa lapidação da palavra, a uma meditação aturada e, simultaneamente, saturada de descrença e de um ceticismo, que, permanecendo entre os estertores de um ainda sobrevivo e, por vezes, eufórico otimismo, sobrevoa a dialética das convulsões e da passagem do tempo, da idade e das utopias (Almada J. L., 2017).

Embora sendo um defensor da arte pela arte, sua obra seja um fim em si mesmo, o poeta acredita em um mundo melhor e usa a poesia como

arma para alcançar seus objetivos. Fazer poesia é defender uma causa. É ser movido por ideias. No mundo da poesia engajada não há lugar para os neutros ou indiferentes. Este é um mundo exclusivo dos que possuem a sensibilidade, ou coragem, de se posicionar. Ser engajado é saber se posicionar a favor de um dos lados em luta (Floriano, 2015).

Em síntese, distinguimos duas fases na poesia osoriana:

Numa primeira fase, a sua poesia é de luta contra a dominação colonial e como tal comprometida com a libertação da terra e os ideais pan-africanistas, a geração dos homens com «pés ficando na terra», dos antipassargadistas, sendo engajada quanto à crítica de valores que não ajudam à construção de fraternidade, liberdade e igualdade; esta fase corresponde ao período pós-claridoso ou ao quarto e quinto períodos, segundo Pires Laranjeira, visto que o livro *Construção Meu Amor* aparece no período da independência (1975).

A segunda fase, a forte presença do amor divino na sua poesia, por via da sua formação cristã, associando os valores cristãos das grandes conquistas e reformas sociais que o homem de várias épocas pretende inculcar numa sociedade que se revê naqueles valores, o amor erótico da descoberta do corpo do outro e o amor-contemplação que gera a saudade de um tempo que não se recupera mais ou que não pode ser mais o mesmo. Esta fase corresponde ao sexto período, segundo Pires Laranjeira, e revela-nos um poeta virado para o sentimento individual, existencial e universal.

O amor romântico na poesia de Oswaldo Osório

Foi com o amor cortês que o mito do amor romântico começou a estruturar-se como um ideal, apresentando até mesmo um código que deveria ser seguido pelos enamorados. Segundo Maria Thereza Toledo (2013), o amor romântico estava associado a finalidades altruístas, constituindo a base de um projeto de transformação social. O amor era indissociável de laços familiares fortes e duradouros, e representava a construção de uma parceria de ternura e companheirismo.

Vejamos, de uma forma sucinta, o que nos dizem os revisionistas modernos sobre o amor romântico, em contraponto com a cultura de massa e a indústria cultural que veem o amor como uma mercadoria: Marcuse (1964) propõe que o essencial para o amor pleno é a busca da atividade libidinal; Giddens (1993) sugere que as novas formas de relacionamento que resultaram da revolução sexual e a emancipação feminina têm como base a igualdade e os princípios democráticos; Illouz (1998) crê que o romantismo é um fenômeno ideológico, que serve e reproduz de forma ampliada e contraditória os mecanismos e interesses do sistema capitalista e Bauman (2004) defende que a modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos — um amor líquido.

A arte de amar de Fromm também cabe na poesia de Osório, um amor incondicional, humilde, declarado e franco, seja como *philia* - amor fraterno e universal -, como *eros*- amor erótico, amor carnal, amor do amor -, ou como *ágape*- amor a Deus, retratado na primeira fase das

lides poéticas do autor.

C.S. Lewis distingue dos outros escritores pela lucidez e lógica excepcionais de sua mente e por seu estilo singular. Na sua vasta produção encontram-se os clássicos da literatura das mais vendidas: *Problema do Sofrimento*, *Cartas do Inferno*, *Cristianismo Autêntico*, *Os Quatro Amores* e *As Crônicas de Narnia*. Os trabalhos deste escritor são conhecidos por milhões de pessoas em todo o mundo. C. S. Lewis morreu a 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford, Inglaterra.

O livro *Os Quatro Amores* (Lewis, 2009), serve como ponto de referência para sinalizar o amor romântico na poesia de Oswaldo Osório. Lewis fala do amor das naturezas mais básicas até as mais complicadas, dividindo-o em quatro categorias, baseadas nas quatro palavras gregas: *storge*, *philia*, *eros* e *ágape* que servem de eixos para o nosso estudo.

Para além da presença de Deus na criação poética de (sobra?) osoriana, o mar e as ilhas, a emigração, o povo, a revolução e, principalmente, a mulher são fontes de inspiração tendo o amor como pano de fundo. Como bem disse alguém, Oswaldo Osório é poeta Maior, pela qualidade da sua escrita, pela profundidade das suas mensagens, pelo amor depositado em cada verso.

Amor Fraternal - *Storge* (στοργή) – nome da divindade grega para a amizade e afeição. Afeto com a família, especialmente entre os membros da família ou pessoas que se encontraram nesse círculo social. É descrita como a mais natural, emotiva, e difundida forma do amor: natural porque existe sem a coerção; emotiva porque é o resultado do afeto devido à familiaridade; ironicamente, sua força, entretanto, é o que a faz vulnerável. Osório é um poeta preocupado com o meio onde vive; os seus poemas podem não fazer menção direta à amizade e afeição, porém apreende-se pela mensagem no seu todo ou em parte o *storges*, fazendo alusão aos pais e aos filhos, a forma carinhosa, a ternura dos versos e afeição paterna, o amor à pátria, escritos em jeito de ensinamento como os poemas «até ser um deles», «este país dói-me», em *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas*, «o útero de gea» em *A sexagésima sétima curvatura*, «bom dia cabo verde», «sentir sintia», «sabedoria do poeta velho», «quando formos já passado», «geração do prazer chamamos aos nossos filhos hoje» em *Clar(a)idade assombrada*.

A amizade - *philia* (φιλία) - é uma forte ligação entre pessoas que compartilham um interesse ou uma vida comum, é a amizade entre amigos e companheiros. É o menos natural entre os tipos de amores citados por Lewis; este é o amor que nos liga aos outros que não são do mesmo sangue, mas que advém dos valores sociais e os ideais que cultivamos ao longo da vida. Neste tipo de amor se enquadra na perfeição os poemas do livro *Cabo-verdianamente Construção Meu Amor* e *Cântico do Habitante, Precedido de Duas Gestas*. Oswaldo Osório distingue-se como um combatente que utiliza as armas como o lápis e o papel, um poeta engajado com a liberdade e a defesa dos direitos do seu povo em ser livre e independente. O amor à pátria (bom dia cabo verde), os direitos humanos (o preso no vidro), o inconformismo (as palavras estão gastas e envelheceram), o poder da poesia (poesia no poder), o reconhecimento e admiração dos patrícios

que deixaram a terra-mãe em busca de uma vida melhor (holanda), a busca da felicidade (rosa (in)fixa e manhã in flor). O amor é muito mais do que as quatro letras; falar de amor ou demonstrar amor não necessariamente temos de utilizar a palavra «amor».

Ágape (ἀγάπη) é um amor considerado divino e incondicional. Lewis designa-o como o maior dos amores, e vendo-o como uma virtude especificamente cristã. Ele compara metaforicamente o amor com um jardim, a caridade com os utensílios do jardineiro e o amante como o próprio jardineiro. Por sua vez, na generalidade das suas obras, Oswaldo Osório não se inibe de manifestar a sua fé e, em alguns momentos, é nítido a sua indagação face às circunstâncias que o impele a escrever, exalta a divindade por quem nutre uma devoção sincera. Alguém terá escrito, algures, acertadamente, que Oswaldo Osório é o «poeta da luz interior». Não esqueçamos a formação cristã do poeta como estudante do Seminário Nazareno.

Apesar de ter os pés bem ficados na terra, ele tem os olhos no infinito. O poeta que sofre e intercede pelo seu povo face as vicissitudes da vida como a seca, o colonialismo, o poeta que sorri com a pátria livre e independente sem nunca esquecer a sua dimensão espiritual e reverência ao Ser Supremo que aprendeu a adorar ainda muito jovem. A sua poesia, em certos momentos, chega a ser mística sem ser religiosa; percebe-se a devoção, percebe-se a indagação metafísica, o pleno reconhecimento da onisciência e onipotência do Criador, traduzido em expressões que versam o amor do poeta para Deus (Pela fé creio e procuro compreender esse existir e envolvimento cósmico). A poesia «dois mundos» testemunha a sensibilidade do autor pelo perdão do amor e os versos seguintes traduzem a sua convicção:

*Para quem tem Deus, nunca se está só
Eu nunca estou só mesmo quando
estou virtualmente só
porque é no interior de mim
que Ele ocupa espaço
o exterior é um vazio digital e compacto
Ele irrompe de dentro
e em abundância transborda
em sons e falares ancestrais e auréolas de luz
que são o enquadramento do mundo
que passo haver e possuo
como breve relâmpago deslumbramento de luz
ou leve embriaguez
que inunda e transporta o ser
para nunca mais ser só*

No mesmo capítulo:

*há Deus
sempre houve sempre haverá
(...)*

e ainda os versos do poema «eu venho nu de longe» inspirados nas palavras do paciente Job das Sagradas Escrituras¹:

*eu venho nu
de longe eu vou nu
para longe*

Outros exemplos e considerações ficarão para um trabalho que será

feito posteriormente sobre a vida espiritual do autor.

Eros (ἔρως), no dizer de Lewis, é o «amor romântico», muitas vezes associado à libido, à ideia da paixão e do desejo sexual; é intenso e um dos mais poderosos tipos de amor, pois pode ser cruel e ao mesmo tempo inebriante.

Segundo Melotto e Marinho (2002), o erotismo aparece nas artes mesmo antes de seu surgimento na mitologia grega, desde as pinturas rupestres, datadas de 25.000 a.C, deixando a sua marca ao longo dos séculos nas esculturas, pinturas, mosaicos, poesia e música até à atualidade. Octávio Paz sugere que é no século XIX que o erotismo se afirma como gênero literário e artístico no velho continente, em um exercício de originalidade que acaba por influenciar outras nações, passando também à instauração de parâmetros estéticos nas artes plásticas que terminam por marcar todo o Modernismo. (Paz, 1994, p. 18).

Para este mesmo autor, o erotismo é um fenômeno que se manifesta dentro de uma sociedade e que consiste, essencialmente, em desviar ou mudar o impulso sexual reprodutor e transformá-lo numa representação. O amor, por sua vez, também é cerimônia e representação, mas é alguma coisa mais: uma purificação, como diziam os provençais, que transforma o sujeito e o objeto do encontro erótico em pessoas únicas. O amor é a metáfora final da sexualidade. Sua pedra de fundação é a liberdade: o mistério da pessoa.

No prefácio do livro *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* (1997), Arnaldo França escreveu que «a maturidade alcançada no domínio da linguagem poética, por outro lado reabilita a poesia do amor que, um certo pudor, como que marginalizara dos poetas da *Claridade*, assumindo lucidamente um erotismo que é dos momentos mais altos desta última recolha dos seus versos»; a título de exemplo, os versos o poema «divisa»:

*eu, stalion
centauro poderosíssimo
rendido porém ao desejo que da diferença nasce
escrevo a oiro sob o azul do céu (não sonho)
que entrei a vénus mil cento e onze vezes em um ano de treze
lunações
e a possuí como deusa alguma foi possuída
ou as mortais mulheres que habitam a terra*

Em certos momentos, o erotismo osoriano esconde-se «no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro que, com o tempo, passaram a ser aceitos quase como suas características absolutas» (Durigan, 1986, p. 11).

A beleza sensual, o louco amor extravasado em versos numa mistura de paixão e erotismo, o desejo de possuir agiganteia o ego do sujeito poético na poesia *primaveril*.

Ao contrário de algumas publicações que versam o erotismo, a poesia erótica de Osório é inovadora, ela é doseada de luzes, imagens, rosas, saudade e desejo intenso:

*hoje sonhei contigo
(24.4.91)*

¹ Jó 1:21 (ARC): e disse: Nu saí do ventre da minha mãe e nu tornarei para lá; o senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor (Versão Almeida revista e corrigida).

*não, sonhei-me dentro de ti
e o rio nascia das nossas línguas*

Há na poesia de Osório um lirismo peculiar no modo como discorre sobre o amor. Casado com a sua companheira de sempre, Dinah, como o poeta carinhosamente lhe apelida, no início de *Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas* (), o poeta dirige à sua amada no poema «o que de mim não sabes se escreve», numa nota de desculpa, como que penitenciando a compreensão dela para os versos encerrados no livro e faz uma sublime declaração de amor:

*(...)
sei que à tua inocência não convém esta escrita
feita toda de impossibilidades, minhas e tuas
de nos desejarmos para além dela*

*com rigor, amor
quando em ti penso e quanto mais te desejo
enluarada nesta cama branca que é a escrita*

*o papel enrola-se
como o meu branco lençol de sonho
em que escrevo nosso nome*

Expressões fortes que desvelam o simbolismo da sua escrita e harmonizam opostos nos seus versos tais como «fogo que se me ateia», «massah tâmara morena», «a transparência da saia organdi», «solta o órgão e o orgasmo/como um rio», «oh como se abre a corola em flor/ e geme vergando sob(re) a sua haste erecta», «em lava a queimar o pénis/ ou a crispar o clitóris/ (...) neste cume nesta idade espanto-me a ser um desses adolescentes/ claramente porque voltei a querer a vida a ganhar o mundo», revelando a genialidade do poeta como um alquimista das letras, capaz de pegar de expressões ditas vulgares e transformá-las num filão de preciosidades, a poesia em estado puro.

É possível perceber nos versos de Osório uma alusão intertextual com *Cantares* de Salomão, poemas de amor do livro bíblico que associa o amor erótico ao espiritual. Como exemplo, algumas expressões, tais como «amada», «amor», «vinho», «virgem», «alma», expressões que invocam a natureza como «lírio», «estação», «céu», «óleo», «flor», «rosa», «gazela», «mel», «aroma» e tantas outras que demonstram alguma influência salomónica na poesia de Osório.

Alguns versos, à semelhança de algumas passagens do livro *Cantares* de Salomão, fazem referência ao zelo do amado que busca por todos os meios para proteger a amada e nas vigílias da noite, com receio que, por qualquer razão perca o seu grande amor: «sim,/ dorme como uma pedra a minha amada/ que antes dormia/ suspensa/ do bater do meu coração// descomposta dorme a minha amada/ conquanto o destino de um é sempre de dois tecido/ por caminhos de antemão urdidos// juro-te júlia que temo por este amor/ à noite sobretudo/ em que medos (vindo de onde?) me assaltam» (*autonal*).

Os versos anteriores, encontram correspondência ao texto bíblico, «Eu dormia, mas meu coração velava; eis a voz do meu amado, que estava batendo: Abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, minha imaculada, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os

meus cabelos, das gotas da noite» (*Cantares* 5:2, ARC²).

Ainda os versos da quarta estrofe do poema *estival*: «sim ó amada/ às vezes o melhor mel que colhes/ é do interior dos olhos que se derrama/ dos lábios intumescidos de beijos/ como boca de sede para a água –/ como acto puro de ir à fonte não resolve», corresponde ao lirismo amoroso do idílico versículo: «Favos de mel manam dos teus lábios, minha esposa! Mel e leite estão debaixo da tua língua, e o cheiro das tuas vestes é como o cheiro do Líbano» (*Cantares* 4;11, ARC).

Considerações finais

Oswaldo Osório é um poeta engajado completamente na sua cultura, articulando (ou, desarticulando) em sua poesia os códigos sociais e morais vigentes.

O poeta, numa entrevista que nos concedeu disse que o amor está presente em todos os seus livros por ser fundamental nas relações humanas, ainda que de forma implícita em alguns dos seus poemas.

O amor fraternal (*storge*), evidencia-nos um poeta preocupado com o meio onde vive; os seus poemas podem não fazer menção direta à amizade e afeição, mas apreende-se pela mensagem no seu todo ou em parte o *storge*, fazendo alusão aos pais e aos filhos, a forma carinhosa, a ternura dos versos e afeição paterna, o amor à pátria, escritos em jeito de ensinamento.

No segundo tipo de amor (*philia*), o poeta revela a sua forte ligação com as pessoas que o rodeiam, partilhando suas ideias. Engajado com a liberdade e a defesa dos direitos à autodeterminação, ele empresta a sua voz ao povo, através dos poemas «bom dia cabo verde», defende os direitos humanos com «o preso no vidro», demonstra inconformismo com «as palavras estão gastas e envelheceram», revela o poder dos versos com «poesia no poder», o reconhecimento e admiração dos patrícios que deixaram a terra-mãe em busca de uma vida melhor com «holanda» e a busca da felicidade com «rosa (in) fixa» e «manhã inflor».

O terceiro eixo, *Ágape* (αγαπη) vimos a estreita relação entre o divino e o autor, dando destaque à reverência na sua poesia que chega a ser mística sem ser religiosa; percebemos a devoção, a indagação metafísica, o pleno reconhecimento da onisciência e onipotência do Criador, traduzido em expressões que versam o amor do poeta para Deus.

Assumindo lucidamente um erotismo que é dos momentos mais altos da sua poesia, à semelhança do sábio Salomão, o poeta associa o amor erótico ao espiritual. A beleza sensual, o louco amor extravasado em versos numa mistura de paixão e erotismo, o desejo de possuir agiganteia o ego do sujeito poético na sua poesia, destacando-se como um dos mais românticos poetas modernistas da literatura cabo-verdiana.

² Todas as referências das Escrituras Sagradas são da versão Almeida Revista e Corrigida.

Referências bibliográficas

- Almada, J. L. (s.d.). *Estes poetas são meus (alguns marcos na poesia cabo-verdiana contemporânea)*. Obtido de Revista confraria em: <http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio03.htm>
- Bauman, Z. 2004, *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bíblia Sagrada (2008). Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.
- Durigan, J. A. (1986) *Erotismo e Literatura*. 2ª ed. São Paulo: Ática., (Coleção Princípios).
- Elísio, F. (1998). Desta janela vejo passar... In: ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (org.). *Mirabilis de veias ao sol: antologia panorâmica dos novíssimos poetas cabo-verdianos*. Mindelo: Instituto de Promoção Social.
- Fernandes, F., 2013, *A expressão metafórica do sentido de existir na Literatura Cabo-verdiana contemporânea: João Varela, Corsino Fortes e José Luís Tavares*. www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2013_MariaDeFatimaFernandes_VCorr.pdf. [Consultado em 20/12/2017]
- Ferreira, M. (Org., 1975). *No Reino de Caliban*. antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa – Cabo Verde e Guiné-Bissau. Lisboa, Seara Nova.
- França, A. (2006). Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas de Oswaldo Osório, *jornal Artiletra*, 75 (1)
- Fromm, E. 1967. *A arte de amar*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Giddens, A. 1993, *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gomes, S. C. (2008) *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Floriano, M. (2015). *Poesia engajada: o papel social da literatura*. Obtido de: http://www.magru.com.br/wp/wordpress/wpcontent/uploads/2015/01/poesia_engajada.pdf: [Consultado em 18/12/2017].
- Illouz, E. 1998, *Consuming the romantic utopia*, op. cit.; The lost innocence of love: romance as a postmodern condition. *Theory, Culture & Society*, vol. 15, no 3-4.
- Laranjeira, P. (1995). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, vol.64*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lewis, C. S. (2009). *Os Quatro Amores*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Marcuse, H. 1982. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar.
- Melotto, T. e Marinho, M. (2002) *Arte, erotismo e representação do universo: da pintura rupestre a Manoel de Barros*. In: Manoel de Barros: o brejo e o solfejo. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Universidade Católica Dom Bosco.
- Semedo, B. (2006). *A Construção da Identidade Nacional - Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Sousa, F. F. (2014). Novas tendências da poesia cabo-verdiana. *Contexto, Revista de programa de pós-graduação em Letras*, p. 55.
- Toledo, M. T. (2013). *Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano; Número 2. 303-320 Junho. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/ojs/index.php/Midecot/article/viewFile/50/50> Consultado em Novembro de 2017